

Em série de entrevistas variadas, detectou-se o sentimento de inferioridade que contamina os operários, levando os mais jovens ao uso de narcóticos. Numa fábrica da Chrysler, um funcionário do sindicato dos trabalhadores de automóveis (United Auto Workers-UAW) provou que dentre quatro mil operários, quinhentos são viciados em heroína (p. 327).

Com a transferência de centenas, senão de milhares de fábricas dos Estados Unidos para os "paraísos fiscais" e sindicais, o empregado especializado vai se desatualizando. Os novos inventos são utilizados em países como a Coréia, Taiwan, Samoa, onde a massa dos empregados ganha a miséria de alguns dólares (2 ou 3) por dia. Essa atitude rapace, astuciosa das firmas vai desequilibrando o mercado nacional e internacional, eliminando o acesso de populações inteiras ao nível mínimo de bem-estar.

Os autores, como conclusão, denunciam o comércio das firmas transnacionais como embasado na injustiça social. Denunciam essas corporações globais como os promotores diretos de atrocidades em regimes autoritários de vários países. São os responsáveis pelo abafamento do sindicalismo em inúmeros Estados.

Com uma frase lapidar, os autores definem a pretensão do mercado global: «Mas com que direito um bando refinado de droguistas, biscoiteiros e projetistas de engenhocas se arvoraram em arquitetos do mundo novo»? Encontramos em Karl Jaspers, há anos, o julgamento profético desse domínio global. Denominava esse fenômeno de «nívelamento desvalorizado». E conclui-se que as civilizações históricas e as suas culturas desenraizaram-se, perdidas no mundo técnico-econômico e de um intelectualismo vazio.

ARTUR JOSÉ ALMEIDA DINIZ

Universidade Federal de Minas Gerais.

FITT, Yann, FARHI André, VIGIER Jean Pierre. *La crise de l'impérialisme et la troisième guerre mondiale*. Paris, François Maspero, 1976, com uma introdução de Noam Chomsky. 286 p.

Os conflitos atuais, a crise contemporânea, todos os aspectos do presente tem tido série de exegeses, sob ideologias diversas, mas todas se constituindo num esforço de síntese de história contemporânea. Por exemplo, Richard Barnett e Ronald Müller explicam o poderio das multinacionais, com uma crítica procedente e muito lúcida, sob um ponto de vista mais ou menos tradicionalista. Sua obra *Global Reach* (New York, Simon and Schuster, 1974) é uma análise excelente do império das multinacionais, com fontes de primeira ordem.

Neste livro *La crise de l'impérialisme et la troisième guerre mondiale*, Yan Fitt, André Farhi e Jean-Pierre Vigier nos descrevem as peças mestras da economia mundial contemporânea, bem como o porque de seus defeitos. A perspectiva do livro observa uma linha dialética. Numa introdução elaborada por Noam Chomsky, sob o título de «A pedra angular do sistema americano» é uma descrição dos erros dramáticos cometidos pela política norte-americana, um resumo da estratégia atual do capitalismo, minuciosa descrição da batalha econômica, verdadeira «guerra sem quartel» entre as economias dos Estados ricos e a luta pela influência norte-americana.

Yann Fitt analisa na primeira parte da obra os dois poderosos engenhos da guerra econômica de nossos dias: a agricultura e a indústria. Suas posições são bem claras: «um novo elemento tornará irreversível, pelo menos por algum tempo, a escalada da inflação: a capitulação das grandes potências industriais ante o *ultimatum* financeiro imposto pelos Estados Unidos em 7 e 8 de janeiro de 1976, na Jamaica. Em linguagem clara, as resoluções adotadas implicaram no restabelecimento da hegemonia do dólar no conjunto do sistema financeiro internacional que é o fim da batalha começada por Nixon em agosto de 1971».

Fitt vai descrever também o outro lance da modificação dos estatutos do Fundo Monetário Internacional. Tal fato privou quaisquer futuros dissidentes de adotar medidas cautelares contra a manipulação das moedas respectivas, pois «os Estados Unidos dispõem agora (com o apoio da Inglaterra e da Itália) de uma minoria capaz de bloquear (30% dos votos)... podendo impor a emissão de direitos especiais de saque em quantidade suficiente para impedir aos adversários econômicos combater a desvalorização contínua do dólar.» (p. 254/5).

Complementando tal estado de coisas, os únicos países que realmente podem ser cognominados de «países em desenvolvimento» são aqueles países produtores de petróleo. Todos os outros, mesmo aqueles que tenham acusado «desenvolvimento das exportações» tornaram-se meros promotores do lucro das empresas multinacionais em suas respectivas matrizes, todas com a nacionalidade de origem perfeitamente definida por ocasião das grandes jogadas políticas. É também a mesma tese defendida por André Gunder Frank, ao comentar que «o crescimento aparente de certos países não é mais do que um mito... agravando a desintegração fundamental da economia, que é a característica maior do subdesenvolvimento». Yann Fitt vai comentar a «pilhagem do Terceiro Mundo» eliminando quaisquer dúvidas sobre a falácia da ajuda internacional, mecanismos disfarçados do neo-colonialismo contemporâneo.

No segundo estudo da obra, «O reinado do dólar. Hegemonia e declínio», vai André Farhi nos descrever as origens da crise internacional do dólar. Da liderança incontestada, indo dos tempos dos Acordos de

Bretton Woods (1945) «ao primeiro signo anunciador do fim do sistema de Bretton Woods que foi a desvalorização da libra em 1967». Mas, André Farhi ao analisar o «reinado do dólar» comenta um fato que para os países do Terceiro Mundo tem sido a ferida de todos esses anos: «a deterioração dos termos de troca dos Países do Terceiro Mundo no decorrer da década de 60 foi um fenômeno freqüentemente analisado e denunciado nos círculos internacionais... opondo-se as grandes companhias aos países produtores dispersos e atomizados, estas companhias possuíam o controle absoluto da transferência ou da comercialização das matérias primas e agiam em conluio. Em segundo lugar, conseguiram pegar os países exportadores de matérias primas na «arapuca do endividamento».

A atuação supostamente eficiente do Fundo Monetário Internacional que «representa bem o seu papel, impondo condições draconianas para o prolongamento ou rescalonamento da dívida» é parte desse jogo desigual de ricos e pobres. Os efeitos das medidas desumanas propostas pelo Fundo Monetário Internacional são sobejamente conhecidas de todos nós. Convém anotar aqui o estudo de grande atualidade levado a efeito pelo Institute of Policy Studies, de Washington, que com a publicação *Chile: Economic "freedom" and Political Repression*, da autoria de Orlando Letelier, analisa detidamente os efeitos sinistros da famosa Escola dos «Chicago Boys» e sua atuação sinistra no campo da economia chilena. Convém anotar também recente documento publicado pelo Senado Norte-Americano U.S. Document 675-314...93d Congress The I.T.T. and Chile, 1970-1971.

No "Post-Scriptum" (de março de 1976) André Farhi vai oferecer uma análise detida da crise atravessada pela Europa Meridional. Denuncia as manobras escusas da alta finança internacional e sua atuação nos vários campos ideológicos da política italiana. Suas conclusões são inquietantes por um perfil crescente da violência na chamada «Europa Latina».

A última parte do trabalho vai tratar da «Crise e a Terceira Guerra Mundial». Convém anotar que todas as três partes oferecem uma seleção bibliográfica do maior interesse para o pesquisador.

Jean-Pierre Vigier, numa retrospectiva sobre a revolução "tecnológica", vai analisar a crise do dólar e do petróleo em termos técnicos e oferece uma análise econômica demasiadamente especializada. Em seu depoimento descreve minuciosamente a deterioração dos termos de troca sob uma perspectiva histórico-econômica. Denomina como sendo «uma nova forma de pilhagem» o fenômeno da evasão dos cientistas (brain-drain). Analisa minuciosamente o comportamento dos países pobres ante o custo crescente do dinheiro, do petróleo, a ameaça permanente da inflação, despesas militares alucinantes e assim delinea de modo bem compreensível as causas e fatores da crise.

Na ocorrência eventual da Terceira Guerra Mundial, Jean-Pierre coloca como «pivot» da crise a posição da República Federal da Alemanha. Suas perspectivas são sombrias, pois termina descrevendo o final do século XX como marcado «pela super-população, fome, exacerbamento das lutas revolucionárias» entre outros males.

O trabalho dos três economistas, com a introdução muito didática e altamente informativa de Noam-Chomsky é de grande interesse para qualquer público, mesmo desconhecendo os problemas das relações internacionais, o que se tornou raro, hoje, pois todos sofremos na carne a *prática* das teorias internacionais altamente discutíveis. A análise excessivamente técnica de Farhi e de Vigier, em algumas passagens, não dificultam a leitura. Crises e contradições se acumulam de modo dramático em nossos dias. Entretanto, a complexidade do real e a lei histórica mais certa, a do imprevisível, seriam fatores que não podem ser desprezados". Quem viver, verá.

ARTUR JOSÉ ALMEIDA DINIZ

Universidade Federal de Minas Gerais.